

# RÁDIO: UMA ONDA (AINDA) SEM SINTONIA NA ESCOLA

MARCÍLIO ROCHA RAMOS\*

*“A prática da felicidade torna-se subversiva quando ela é coletiva”  
(Felix Guattari)*

## 1. INTRODUÇÃO

Rádio na escola é sempre anunciado como um meio facilitador da comunicação e socialização entre os jovens, como um recurso para o envolvimento com a comunidade, um promotor da ampliação das diversas e diferentes vozes do grupo – o que geraria autovalorização e auto-estima – e um dos instrumentos para o que alguns teóricos chamam de “desafio” deste século: a transformação de informação em conhecimento. Estas defesas estão presentes em quase todos os textos dos apologistas das tecnologias.

No entanto, ao abstrairmos o idealismo dos apologistas, as iniciativas criativas com as tecnologias da informação e da comunicação nas escolas ainda estão engessados pelo currículo, o ritual das aulas (Kenski, 2003) e o controle social das instituições, que se efetiva pela falta de mobilização da escola-comunidade. As elites, porém, fazem muito bem a sua parte ao utilizá-las com sua potência máxima em seus meios de comunicação e negócios e ao impedi-las nossa utilização, ao mesmo tempo em que desenvolvem todo um discurso em torno da sua “importância” para a educação, a socialização do conhecimento etc.

Com efeito, embora rádio comunitária não seja crime – esta defesa está muito bem feita no livro de Armando Coelho Neto (2002) –, sua difusão está ideologicamente criminalizada. As classes dominantes têm a consciência do potencial da radiodifusão, tanto que criminalizam quase todas as iniciativas de caráter popular com rádios comunitárias, rádios-piratas ou até mesmo um sistema simples de rádio-poste.

Mas, o que de fato está ocorrendo na escola com as iniciativas em radiodifusão? As observações na rede pública do Estado da Bahia detectam que as instituições experimentam as linguagens radiofônicas presas a ações com aparelhagens de rádios como simulacro do rádio: um sistema de som com pouco alcance social, sem interatividade com a própria escola e com a comunidade na qual está inserida. A rádio, quando muito, “entra no ar” nos intervalos das aulas, como um apêndice da escola.

Por quê? No engenho de reprodução da escola, no seu mundo compartimentado das disciplinas, não há tempo para a produção pedagógica com rádio e, por extensão, com a utilização inteligente das tecnologias da informação e da comunicação. Eis o desafio: como alcançar as potencialidades da radiodifusão na escola sob o limite da simulação, sob as grades das disciplinas e dos tempos de aula?

Com efeito, as proposições de construção da aprendizagem com rádio na escola – em que pesem algumas significativas experimentações – estão ainda no plano das intencionalidades, mas as escolas já conquistaram condições, através das lutas dos professores para inserir suas práticas em seus projetos pedagógicos em ações político-educacionais com a comunidade, necessitando, no entanto, tomar a iniciativa de quebrar a cultura de uma educação somente voltada para a transmissão. Eis o cerne do problema.

Ao se restringir a radiodifusão somente à simulação, logo estas práticas – mesmo ricas – caem na *escolarização*, ou seja, na reprodução, na coisa mesma para nota. É o que se observa em diversas iniciativas com rádio na escola. Quando o sistema não vai à falência, pela repetição das práticas ou pelo sumiço dos seus aparelhos, a desmobilização dos professores e alunos. Há uma tendência à imitação dos ritos das grandes mídias e dos seus locutores, à reprodução das suas músicas e ícones e, o que é mais grave, à alienação dos seus instrumentos por grupos ou pessoas, o *establishment* das instituições.

Essas constatações nos convenceram da necessidade de inclusão do rádio numa perspectiva muito mais ampla: avançamos da rádio escolar (simulacro de rádio, aparelhos) para a rádio comunitária (rádio da escola com a comunidade, meio), o que exige uma disputa institucional por frequências próprias, numa luta político-pedagógica que está a exigir o protagonismo dos agentes da escola e dos agentes comunitários, contribuindo para a democratização dos discursos e das visões de mundo. Este procedimento ganha ainda mais relevância considerando que o nosso país tem uma cultura tradicionalmente autoritária, com a agravante da limitação do acesso aos meios de comunicação.

São duas as concepções básicas para essa proposição. A primeira está relacionada com a veiculação e apropriação da mensagem: a) o *feedback* alimenta a produção e cria o movimento da sua inovação permanente, como um “adversário” crítico. A segunda está relacionada com os principais atores da produção: b) os jovens querem viver as experiências e não apenas projetá-las. Ou seja: eles têm pressa de viver o mundo presente, a vida presente, e a escola deve se tornar o espaço mesmo das suas realizações.

As hipóteses defendidas neste artigo têm como base empírico-teórica experiências como pesquisador e ativista com rádio em diversas unidades de ensino na rede pública da Bahia, no movimento por rádios livres, na instalação e operação de rádio comunitária, na orientação de monografias sobre rádio como instrumento pedagógico e em consultorias para Associação de Comunicação Comunitária do Calabar.

## **2. DA TRANSMISSÃO À INTERATIVIDADE: REALIDADE E INTENCIONALIDADES**

O desenvolvimento das mídias eletrônicas proporcionou uma condição realmente revolucionária: quase todo aparelho hoje tem a potência de transmissão e recepção. O *feedback* – leia-se também interatividade – é o

“torpedo” motivador das relações adolescentes. É nesta relação entre seres e tecnologias onde “mora” o segredo da educação pelo compartilhamento através de uma via de mão única na qual pode ocorrer, com a radiodifusão, a abolição entre emissores e receptores.

Contudo, o que as tecnologias já oferecem as escolas ainda estão por realizar: o *feedback*, a via revolucionária de comunicação e participação. Usar as tecnologias da informação apenas como potência para simulação subtrai naturalmente seu movimento, incorrendo-se no campo tradicional da transmissão. Contra esta limitação, Bertolt Brecht (2005) já se posicionava nos anos 30 ao afirmar que é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação.

Com a mesma inspiração, Hans Magnus Enzensberger (2003) afirma nos anos 70 que é necessário criar uma audiência ativa e abolir a relação emissor-receptor. No mesmo sentido, Felix Guattari (1987: 207) propõe, nos anos 80 e 90, a realização de movimentos contra-hegemônicos através de *revoluções moleculares* com as mídias eletrônicas: “*as rádios livres e, amanhã, as televisões livres, são apenas uma pequena parte do iceberg das revoluções midiáticas que as novas tecnologias da informática nos preparam*”.

A disputa pelo direito à livre radiodifusão é também o objeto de muitas pesquisas no Brasil, entre as quais as de Machado, Magri e Masagão (1987), Nunes (1995), Fiorillo (2000), Andriotti (2004), Meditsch (2005). Estes autores defendem a constituição de rizomas comunicacionais para uma *revolução no ar*, através dos movimentos populares e das instituições educacionais, formando uma rede interatividade de comunicação, participação e aprendizagem coletivas.

Neste sentido, a utilização das mídias como novos meios (e espaços) de aprendizagem tem uma história recente no Brasil. Maria Isabel Orofino (2005) destaca três movimentos significativos de uma praxiologia com as mídias: 1) *A pedagogia da linguagem total* sugerida por Francisco Gutierrez, com a utilização de diferentes linguagens no cotidiano da escola; 2) *A educação para a mídia*, difundida no Brasil por Maria Luíza Belloni e 3) *A educomunicação*, uma nova reflexão epistemológica com ênfase nos processos de produção midiática na escola.

Mas são nos movimentos sociais que ocorrem, concretamente, estas proposições, como relata Downing em **Mídia Radical** (2002), uma publicação voltada justamente para as praxiologias com as mídias nas décadas de 1980 e 1990 e as rebeldias de atores sociais com meios próprios de comunicação. Downing mostra que os movimentos criam uma audiência ativa que se constitui na prática como elemento da educação na atual sociedade, através da qual:

- *O processo de produção se configura como a educação*: ao realizar, os atores sociais percebem não só o objeto da sua realização mas a codificação das realizações produzidas pela grande mídia, geralmente seus adversários. O processo produtivo estabelece a relação teoria-prática, mediado por sujeitos mais experientes, embora também ocorra a aprendizagem entre iguais;

- *O produto é a comunicação*: enquanto no processo se estabelecem as relações dos sujeitos da produção, o produto estabelece outras relações ao se tornar comunicação além dos sujeitos diretamente envolvidos, em busca da comunicação-participação-mobilização.

A produção de movimentos com as mídias radicais ocorre dentro de uma ação socialmente constituída (ator social/comunidade), com base numa teoria (produção do conhecimento/questionamento político) para atingir um objetivo (mobilização/participação). No plano da escola, essas práticas podem se tornar também práticas de mobilização social e, fatalmente, produzirão práticas com mídias fora da escola que contribuirão para o rompimento com os métodos políticos obtusos e corporativos das instituições tradicionais de representação.

### **3. O SIMULACRO E A RADIODIFUSÃO DE ENCENAÇÕES**

Quando fomos convidados a participar pela primeira vez de uma experiência com comunicação com professores e alunos, numa escola pública, cujo objetivo estratégico era a implantação de uma rede de comunicação da escola para a comunidade, ficamos surpresos pelo ineditismo da ação e, ao mesmo tempo, interessados em contribuir para esse propósito. A diretora sonhava em transformar seu estúdio de rádio em meio de produção de conhecimento interdisciplinar e, ao mesmo tempo, em meio de comunicação da escola para a comunidade

Indagados sobre “o que fazer para construir uma rádio?” – pergunta feita pela diretora da escola e sempre recorrente nos movimentos populares –, nossa resposta focou primeiro a questão jurídica: buscar uma liminar preventiva no poder judiciário para não incorrer no risco da Polícia Federal lacrar a antena, levar o transmissor e abrir um inquérito policial contra os responsáveis pelas iniciativas de rádio-transmissão. Aconselhamos também a procura de apoio e informação junto aos movimentos por rádios livres, que têm instituições constituídas.

Talvez por estar à frente de uma instituição pública e temer represálias, uma vez que a Bahia ainda estava sob um governo que se estabeleceu na ditadura militar, as primeiras iniciativas da direção da escola foi, então, no sentido de difundir as técnicas, construir uma linguagem de comunicação, realizar programas e divulgá-los somente no espaço da escola. O estúdio passou a funcionar ao lado da biblioteca, num espaço antes utilizado como banheiro. Pela impossibilidade de experimentar o real com a radiodifusão, tivemos que montar um simulacro com aparelhagem de rádio, com o objetivo de torná-lo posteriormente “uma rádio de verdade”. Era este também o sentimento dos alunos.

A partir da simulação com rádio passamos a observar, através das práxis da pesquisa-ação, como as atividades podem se tornar metodologias pedagógicas e como as linguagens dessa mídia contribuem para uma praxiologia com as tecnologias da informação e da comunicação. As observações objetivavam verificar as densidades qualitativas que prevalecem

nos processos produtivos – desde os enfoques das pautas à veiculação dos produtos e *feedback*, considerando a autoria e a aprendizagem coletiva como o sentido-síntese das ações.

#### 4. EXPERIMENTAÇÕES E DESCOBERTAS DE VALORES INVISÍVEIS

Os primeiros passos para a implantação da rádio na escola foram na direção da organização de grupos (compostos por alunos da 7ª e 8ª séries) para visitar emissoras comerciais. Inicialmente, o olhar incipiente do aluno observa a rádio somente como aparelhagem – computador, mesa de som, microfones e profissionais. Algo acessível. No entanto, os alunos logo percebem que a grande atração é a propagação das correntes invisíveis pelo ar.

Na seqüência, duas professoras de língua portuguesa da escola, após participarem de um curso de formação com a organização não-governamental (ONG) Cipó Comunicação Interativa, assumiram as atividades de aproximação daqueles alunos com a linguagem do rádio. Também um técnico dessa organização foi designado para realizar gravações e treinamentos com os estudantes que, com a montagem dos instrumentos, revelam performances inusitadas: o garoto que compõe *rap* sobre as drogas e a violência em seu bairro, o poeta que escreve texto neoconcreto sob a influência do *hip-hop*, o escritor de rádio-novela, o “repórter” policial que desenvolve sua habilidade imitando programas da TV, o humorista, o cantor.

No processo de produção dos programas, envolvendo pesquisa, elaboração de textos, roteiro e desenvolvimento de pautas sobre diversos temas (meio-ambiente, história, política, violência, esporte, arte etc.), a escola descobre talentos até então ignorados, como o aluno que tem habilidade em técnica de som, o que é capaz de realizar imitações (sonoplastia), os que mostram imponência na voz e se reivindicam “locutores” ou os que cumprem as atividades à risca e, por isso, se entendem “produtores”.

Em sala de aula são realizadas as abordagens das temáticas e pautas, a discussão de personagens, roteiro, produção e formas de apresentação. As professoras agem como orientadoras e sistematizadoras das criações. Assim são desenvolvidos programas de *rádio-novela*, *recadinhos* (tipo “correio do amor”) e *programas de notícia*, transitando pelos conteúdos das diversas disciplinas. Os programas nascem pelo texto e a oralidade dentro de um contexto coletivo, polifônico e efervescente que é o ambiente de uma sala de aula. Especialmente numa escola pública, cuja maioria dos estudantes provem de classes populares, é moradora da periferia e está acostumada a viver sob o imprevisto, o risco e a necessidade da produção diária da sobrevivência. Portanto, dificuldades como a falta de um microfone, de uma música ou de um aparelho qualquer já fazem parte do cotidiano e não se apresentam como um drama, antes como mais um desafio a ser superado.

Com a linguagem das rádio-novelas foram construídas paródias, relacionando cultura de massa e literatura, passado e presente. Neste sentido, os alunos elaboraram, por exemplo, uma novela em que a Rapunzel dos contos de fada torna-se uma garota pós-moderna que convive com o problema das drogas, da violência, das doenças sexualmente transmissíveis, da falta de interesse pela

escola e que sai em busca do consumismo nos shopping *centers* sob as limitações do horror econômico dos pais, das discriminações e exclusões. Seu “vôo” histórico se estabelece sob a temática da vida dos adolescentes, agora abordada na própria linguagem deles como atores/autores do processo sobre sua existência.

Outra rádio-novela foi elaborada a partir de um personagem da história do Brasil, Dom Pedro I, com suas paixões arrebatadoras servindo de tema para a reflexão de uma época política já marcada também pelo jogo de obscenidades, corrupção e interesses econômicos entre colonizadores e colonizados, classes e grupos. As duas rádio-novelas, a partir das suas referências do passado, vão abordar a realidade social atual, estabelecendo uma relação entre o conto de fada, a literatura e o consumo; a história, o Reinado e a República, o autoritarismo e a corrupção.

Nos programas de *recadinhos do amor* os jovens vão transmitir seus desejos, sexualidade e incertezas através de declarações e brincadeiras nas quais revelam a vontade de serem protagonistas, de estarem na *crista da onda*, de serem identificados, reconhecidos. Essa mesma estética é observada nos programas de humor nos quais afloram piadas, versões, imitações da programação da grande mídia, paródias, críticas à política, à falta de qualidade de vida, às discriminações de cor, sexo e nível social. Desperta em forma de ludicidade toda uma subjetividade reprimida, recôndita, não-revelada.

O jornalismo como uma das principais categorias das mídias está também no foco dos alunos com a marca permanente de todas as produções: o humor, a irreverência, a desconstrução da realidade em novas formas de apresentação e reflexão. A notícia não tem valor pelo seu conteúdo, mas por sua representação, o que denota uma desvalorização dos referenciais do objeto como informação. Ou seja, a notícia não é jornalismo, mas um “show”, tanto quanto as outras apresentações. É nesse sentido que seus “apresentadores” fazem o programa de notícias parodiando locutores, teatralizando informações na televisão, como se estivessem realizando uma rádio-novela. Por extensão, a paródia radiofônica se refere ao *showrnlismo*, a notícia como espetáculo, denunciada por Arbex Júnior (2001) como um traço da sociedade da informação, sem profundidade e conexão porque sob o signo permanente da velocidade e da renovação incessantes, o que estimula o clichê, o preconceito e a reiteração de concepções já formadas.

No entanto, para a comunidade escolar o grande momento de todas essas produções só se realiza na *culminância* do projeto pedagógico, quando a escola “para” (ou seja, interrompe as aulas dentro de sala para uma aula coletiva) e mobiliza pais, alunos e professores para as apresentações. É quando ocorre, entre os muros da escola, o *feedback* entre as audiências da comunidade escolar e o público relacionado às famílias e amigos dos alunos.

A rádio entra no ar, propagando ali as produções coletivas. A simulação nas primeiras experimentações é concebida como “real”. A movimentação com rádio na escola provoca uma intensidade de produção e uma fertilidade de expressões através dos instrumentos eletrônicos: autorias de roteiros, sons,

histórias, mixagens, produtos e produções. O rádio se revela um instrumento para a quebra de bloqueios criativos, descoberta de talentos e potenciais reprimidos. Aparentemente, estamos alcançando o objetivo de socializar a criação, ampliar as vozes, construir autoria. Mas o fato é que logo os jovens percebem que a rádio é apenas “novidade”, que não é um instrumento verdadeiro de empoderamento coletivo, participação, interatividade, porque está circunscrito aos muros da escola e esta limitação vai interferir também nos processos das novas produções.

## 5. OS LIMITES DA SIMULAÇÃO E A ESCOLARIZAÇÃO

São exatamente as qualidades que afloram da produção com as aparelhagens do rádio – autoria, liberação dos talentos reprimidos etc. – que se tornam elemento de questionamento dos limites a que estão impostos pelo canal apenas como simulacro do real. Os jovens querem saber se suas criações chegarão a outros espaços além das escolas; esperam que suas capacidades sejam reconhecidas, sonham que alguém perceba seus talentos para incluí-los nos circuitos artísticos e/ou no mercado de trabalho.

Então, ocorre o que já chamamos de *escolarização*, – a produção como obrigação, rotina, para obtenção de nota. Como está circunscrita às paredes da escola, as produções não se alimentam da realidade, o sistema não se renova porque não amplia a comunicação. E não se realimenta para a renovação porque, sem o movimento social, as movimentações com rádios se voltam para atender às demandas das disciplinas e passam a se repetir como sua *função*, engessadas por notas, currículo, tempos de aula... Logo, a aparelhagem perde o brilho para novas encenações e os professores passam a ter posturas parecidas com as exigências que fazem em suas disciplinas.

Sem estes meios, os atores no máximo atingem a condição de ser emissor para um público cuja arena está circunscrita à realidade dos próprios sujeitos dos processos. Ou seja, não alcançam uma das principais qualidades da rádio: *a ampliação da voz*. E os jovens logo percebem (e se desestimulam) quando vêem o sistema cair em repetição. Então, as novas criações se dissociam da criatividade, porque esta não se alimenta sem o adversário crítico: o outro.

Assim como ocorre em outras escolas, a rádio teve vida curta (menos de dois anos) não apenas porque os ladrões roubaram os equipamentos do estúdio e os computadores do laboratório mas também por dificuldades técnicas e humanas relacionadas à manutenção, construção de currículos transdisciplinares e relação com as rotinas da escola e das disciplinas. O principal objetivo da diretora não foi alcançado: transformar a rádio escolar em rádio comunitária. Ela esbarrou também na legislação e na falta de uma articulação da escola com a comunidade.

Para as escolas fica apenas a simulação. Como simulacro do real, mesmo sob os limites em que ainda estão presas as experiências com rádio na escola, reconhecemos que as aparelhagens de rádio servem para diversificar formas de ações pedagógicas (gravações e exposição de talentos individuais, o que é muito significativo), mas o potencial da radiodifusão é subtilizado. Não alcança

o que teoricamente se diz: que a rádio propaga vozes, mobiliza interatividade.

## 6. PARA ENTRAR EM SINTONIA

Vencer estas amarras é justamente o desafio. Com a eleição de governos populares, cresce a pressão por mudanças das práticas curriculares e se estabelece um campo de disputa fértil para a radiodifusão nas escolas. A produção de canais próprios de comunicação – e não apenas a retroação contra os grandes canais ou a ressignificação das suas linguagens – é o principal desafio contra a modernização conservadora do ensino, dentro da qual as tecnologias da informação e da comunicação se fazem presentes para envernizar a tradição.

A inclusão de aparelhagens de rádio somente para produção sem *feedback* vai ao encontro da concepção das elites sobre o rádio para a comunidade apenas como um emissor e da utilização das tecnologias dentro de uma modernização conservadora. Certamente, não interessa ao *status quo* a criação de audiências ativas, com o rádio na escola em parceria com os movimentos comunitários. Mas, não cabe aos educadores ficar à espera de políticas públicas para a tomada de decisão. As direções das escolas podem, junto com a comunidade, constituir suas emissoras dentro das instalações da escola, a partir da organização, no plano institucional, de um Conselho de Comunicação Comunitário – com pais, alunos, professores – para sua representação e legalidade: a rádio para educação e ação social com a comunidade.

Que se comece a realização de rádio na escola, mesmo que seja a partir da rádio-poste. Neste íterim, as escolas podem acrescentar significação aos seus laboratórios, construindo também *rádios-web* para atingir o objetivo do sonho de Guattari (2005: 199) de “*milhões e milhões de Alices no ar*”. Cuidados se fazem necessários, como:

- Não cair em modismos, imaginando que as tecnologias substituem a educação: tecnologias são meios que podem se tornar elementos estruturantes de ações protagonistas, mas podem também servir apenas para um ilusionismo, fortalecendo a tradição e aparentando avanço e boniteza;
- Cuidar para uma produção radicalmente socialista, uma vez que a rádio pode também se transformar na voz daqueles que já tem o poder e/ou se vêm ameaçados de perdê-lo: o poder sempre se reagrupa numa diversidade de formas para manter suas estruturas e laços de submissão;
- Realizar projetos educacionais, de forma que incluam também as demandas das disciplinas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estabelecem há anos a construção de temas transversais no ensino. Existe a possibilidade legal de construção nas escolas de ensino médio de projetos próprios em 25% do currículo;
- Proporcionar meios para que os instrumentos radiofônicos possam ser utilizados também individualmente pelos alunos para suas realizações (como gravação de música, poemas e comunicados), já que as demandas pessoais

não podem ser desconsideradas.

Para finalizar, se faz pertinente uma observação de Jean Piaget (apud Vasconcelos, 2001) sobre a necessidade de um *adversário crítico* para o desenvolvimento da criatividade. O “adversário crítico” é o *feedback*, a interatividade, as concepções que se formam pela comunicação, as generalizações produzidas na criação e seus efeitos reflexivos, conflitantes e propositivos entre indivíduos e coletividade, entre os agentes produtivos e seu público. Nem a educação pode restringir-se à simulação nem a rádio na escola ao simulacro. O maior desafio da rádio na escola é poder mesmo praticar a radiodifusão. Para os processos de aprendizagem, que só ocorrem com intensidade através do questionamento social, *distribuição* e *comunicação* são ondas para uma mesma sintonia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andriotti, Cristiane Dias. **O movimento das rádios livres e comunitárias e a democratização dos meios de comunicação no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Campinas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2004. (mimeo)
- Arbex Junior, J. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo, Casa Amarela, 2001.
- Brecht, Bertolt. “Teorias do rádio (1927-1932)”. In Meditsch, Eduardo (org). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis, Insular, 2005.
- Coelho Neto, Armando. **Rádio comunitária não é crime. Direito de Antena: o espectro eletromagnético como bem difuso**. São Paulo, Ícone, 2002.
- Downing, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo, Senac, 2002.
- Enzensberger, Hans Magnus. **Elementos para teoria dos meios de comunicação**. São Paulo, Editora do Brasil, 2003.
- Fiorillo, Celso Antônio Pacheco. **O Direito de Antena em face do Direito Ambiental no Brasil**. São Paulo, Saraiva. 2000.
- Guattari, Felix. **Revolução molecular**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Milhões e milhões de Alices no ar”. In Meditsch, Eduardo (org). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis, Insular, 2005.
- Kenski, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. Campinas, Papirus, 2003.
- Machado, Arlindo; Magri, Caio e Masagão, Marcelo (org.). **Rádios Livres: a reforma agrária no ar**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Meditsch, Eduardo (org). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis, Insular, 2005
- Nunes, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Jornalismo. São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), 1995.
- Orofino, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo, Cortez, 2005.
- Ramos, Marcílio Rocha. **Educomunicação & Mídia Radical: uma pedagogia revolucionária com as tecnologias da Informação e da Comunicação**.

- Dissertação de Mestrado em Educação. Salvador, Faculdade de Educação (UFBA), 2005.
- Rossetti, Fernando. **Mídia e Escola: perspectivas para políticas públicas**. São Paulo, Unicef, Central de Projetos e Educarte, 2005.
- Takahashi, Fabio e Sangiovanni, Ricardo. "Computador demais piora nota dos alunos". **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 19 de fevereiro de 2008, Cad, Cotidiano.
- Vasconcelos, Mário Sérgio (org.). **Criatividade, psicologia, educação e conhecimento do novo**. São Paulo, Moderna, 2001.

---

*\* Marcílio Rocha Ramos é jornalista, mestre em Educação (Universidade Federal da Bahia) e Coordenador de novas mídias na escola da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Do mesmo Autor, "Muito aquém de uma mídia radical: reflexão sobre a limitação das mídias no movimento sindical" (tema em debate) (Cadernos do CEAS, 226: 35-47. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, abr.-jun., 2007). [marcilio.rocha@uol.com.br]*